

A HUMANIZAÇÃO DA PERSONAGEM BALEIA EM *VIDAS SECAS*: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

Camila Brito dos Santos (UERJ)
milauff@yahoo.com.br

1. Introdução

As grandes obras da literatura brasileira têm sido alvo de minuciosa interpretação, como comprova a respectiva fortuna crítica, entretanto a língua em que estão escritas permanece pouco estudada. O presente artigo é um gesto nesse sentido, já que se pretende desenvolver uma análise acerca do sistema de transitividade em verbos que representam processos mentais, cujo papel participante de experienciador seja assumido por termos que se refiram à cachorra Baleia, personagem do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Busca-se relacionar a escolha dessa construção ao sentido geral da obra, uma vez que tal personagem é continuamente antropomorfizada e assume um papel de destaque ao longo da narrativa. Dessa forma, propõe-se contribuir para a descrição linguística do texto literário, reconhecendo-o como *corpus* adequado para o estudo da estruturação do sentido, analisando as escolhas no plano da frase que contribuem para a significação geral do texto.

Vidas Secas tem como pano de fundo o sertão nordestino e em cena estão cinco personagens da mesma família de retirantes: o vaqueiro Fabiano, sua mulher Sinha²⁴ Vitória, dois filhos e a cachorra Baleia. Cada capítulo constitui um episódio autônomo, caracterizado pelo foco em um personagem ou em uma situação coletivamente vivida. O romance não se trata, porém, de um simples documento sobre a terra, a linguagem, a cultura do povo que a habita, como ocorre com a maior parte da literatura regionalista. Há, nele, uma encenação dos conflitos do homem oprimido por forças exteriores que ele mal compreende: o poder policial, o poder econômico, as convenções do vestuário, a linguagem, a natureza hostil simbolizada pela seca e pelas aves de arribação. Cada personagem vive seus conflitos numa experiência solitária, inclusive Baleia, e a subjetivi-

²⁴ Conforme a grafia de várias edições consultadas, além da constante da bibliografia.

dade é traduzida pelo narrador onisciente, por meio do discurso indireto livre²⁵.

Pode-se dizer que é fato consensual na fortuna crítica do romance a humanização dessa personagem, em contraposição à animalização dos demais membros da família. Ribeiro (2008, p.16) aponta que os seres humanos se apresentam de uma maneira rude, bruta e áspera, vítimas da atmosfera flagelada pela seca, lutando arduamente pela sobrevivência. Nesse contexto, Baleia seria aquela que resgataria a humanidade dos personagens, sobretudo devido à afeição devotada a ela por todos eles.

A cadela, em vários momentos, é considerada parte integrante da família e comparada, mais de uma vez, aos outros membros. No início da trajetória pelo sertão, a cachorra intencionalmente impede que a família morra de fome, levando uma caça até eles. É também Baleia que vai consolar o menino mais velho, quando Sinhá Vitória castiga-o por insistir em saber o significado da palavra “inferno”. Além disso, no capítulo que serviu de base para a construção do romance, Graciliano conta a história da morte da cachorra e nele atribui uma série de ações, não são comumente associadas a animais. Durante a narração dos últimos momentos de sua vida, Baleia se viu aflita e refletiu sobre o que estaria acontecendo com ela. Ela pensa, delira e projeta seus desejos no momento de sua morte.

Para representar as experiências e a visão de mundo de Baleia, são utilizados vários verbos relacionados a pensamentos, sentimentos, desejos, opiniões. Uma vez que se procura identificar como os significados são veiculados, considerando as formas da língua como um meio para a realização de um propósito, a referência teórica fundamental desse artigo será a teoria de Halliday, no que diz respeito à sua concepção de gramática sistêmico-funcional e as metafunções da linguagem, com especial destaque à metafunção ideacional. A partir disso, buscar-se-á entender como no nível da oração se atribui à cachorra Baleia características humanas, a partir da análise dos processos mentais e dos seus participantes.

²⁵ Entende-se como discurso indireto livre a fala de determinada personagem ou fragmento dela que se insere discretamente no discurso indireto de um narrador onisciente através do qual o autor relata as formas de pensamento dos personagens (Cf.: GARCIA, 2004; p. 164-165). Além disso, *Vidas Secas* é certamente o romance brasileiro em que esse recurso é mais frequente e habilmente empregado. (*Idem*, p. 166).

2. *A gramática sistêmico-funcional de Halliday e as metafunções*

A concepção sistêmico-funcional, proposta por Halliday (*Apud HAWAD, 2009, p. 2*), parte do princípio de que a linguagem é uma ferramenta para a interação social e foi moldada ao longo do tempo pelas funções que tem de exercer na vida em sociedade. Dessa forma, a gramática não é vista como um conjunto de regras para a formação de enunciados, mas como um sistema de escolhas para a construção do significado.

Para o referido autor, função e significado são intimamente relacionados. Há três significados básicos codificados na linguagem, correspondentes às três funções básicas que ela desempenha na vida social: é usada para representar a realidade, para interagir com os outros, para organizar as mensagens como texto. Para representar a realidade, a linguagem traduz o mundo da experiência em processos e entidades, que desempenham papéis. Como instrumento de interação social, permite que os falantes atribuam papéis a si mesmos e aos interlocutores, marcando suas atitudes em diversas situações comunicativas. Ademais, a linguagem serve para construir mensagens relevantes em relação ao contexto de uso. A essas funções correspondem, respectivamente, os tipos de significado denominados por Halliday: ideacional, interpessoal e textual.

Nesse artigo, dar-se-á maior destaque à metafunção ideacional, que está ligada ao uso da língua enquanto representação, tanto do mundo externo quanto do mundo interno.

3. *A metafunção ideacional: o sistema de transitividade*

Segundo Halliday, a frase é tomada como uma unidade linguística em que se manifestam as relações sintático-semânticas, graças às quais é possível representar a realidade. Sendo o nível sintático o da realização, a escolha de um verbo envolve o estabelecimento de uma rede de relações e, por meio da predicação, é possível informar o que se passa com as entidades referenciadas. O enunciador pode, conforme sua perspectiva, selecionar um novo predicador (verbo) e, conseqüentemente, as unidades a ele relacionadas (seus argumentos), que assumem diferentes papéis. Especificando papéis como “ator”, “experenciador”, “meta”, “fenômeno” etc., por meio do sistema de transitividade, pode-se codificar a experiência do mundo e controlar o fluxo das informações que se deseja transmitir. Nesse sistema o falante constrói um mundo de representações, baseada na escolha de um número específico de tipos de processos.

Lima-Lopes & Ventura (2008, p. 1) afirmam que é fundamental distinguir a visão tradicional de transitividade da visão sistêmico-funcional. De acordo com esta, o termo é mais amplo que a mera presença ou ausência de objeto para classificar o verbo: a transitividade constitui um sistema usado para descrever o todo, que implica a escolha de processos e seus participantes e circunstâncias, que traduzem nossa experiência por meio da linguagem. O processo verbal é representado pelo verbo, e é a ação propriamente dita, ao passo que os participantes são, em geral, representados por grupos nominais, que podem realizar a ação ou serem, de alguma forma, afetados por ela; já as circunstâncias são de caráter opcional, representadas por grupos adverbiais e sua função é adicionar informações ao processo.

O sistema de transitividade é composto por diferentes tipos de processos²⁶, dispostos a seguir:

PROCESSOS	O QUE INSTANCIAM	PARTICIPANTES
Materiais	Ações concretas no mundo físico -fazer, acontecer-	Ator/ Meta Recededor Cliente Escopo
Mentais	Atividades no mundo interior -sentir, pensar, ver-	Experienciador/Fenômeno
Relacionais	Função classificatória -ser, estar, ter	Portador/Atributo Identificado/Identificador Possuidor/Possuído
Existenciais	Existência	Existente
Comportamentais	Comportamentos físicos e psicológicos	Comportante/Comportamento
Verbais	Elocução	Dizente/Verbiagem/Alvo/Receptor

Quadro 1: Processos do sistema de transitividade.

Nesse artigo, serão descritos mais detalhadamente apenas os processos mentais, uma vez que se deseja relacionar a escolha deste à humanização da personagem de *Vidas Secas*.

4. *Os processos mentais e a humanização de Baleia*

Os processos mentais são processos de sentir, pensar, ver, relacionados à representação do nosso mundo interior, de modo que se refere a

²⁶ A tradução dos nomes dos participantes foi baseada em Lima-Lopes & Ventura (2008), a partir de Halliday & Matthiessen (2004).

ações que não ocorrem no mundo real, mas no fluxo do pensamento. O participante em cuja mente se realiza o processo é denominado Experienciador, e Fenômeno, realizado por grupos nominais ou orações encaixadas, o elemento sentido/percebido por ele. A oração a seguir, extraída de *Vidas Secas*, exemplifica esse tipo de processo e seus participantes.

Baleia *detestava* expansões violentas. [VI, 24]²⁷

Baleia	<i>detestava</i>	expansões violentas
Experienciador	Processo mental	Fenômeno

Um critério para a diferenciação entre os processos materiais e mentais é a natureza do Experienciador: apenas um participante consciente humano pode sê-lo. Gouveia (2009, p. 31) afirma que entidades destituídas de consciência podem preencher o papel de Experienciador, porém, nesses casos, são metaforicamente personificadas como seres conscientes. Lima-Lopes & Ventura (2008, p. 7) acrescentam que a personificação também é algo que pode ocorrer em processos materiais. Contudo, não há atribuição de consciência às entidades referenciadas. Nos processos mentais, as ações realizadas parecem ser responsáveis pela criação de um mundo interior nos participantes. É o que acontece com Baleia, em *Vidas Secas*, a partir das escolhas instanciadas no discurso do narrador.

Halliday & Matthiessen (2004, p. 208-210) dividem esses processos em quatro subtipos: processos mentais de cognição, relacionados à compreensão, processos mentais de percepção, relacionados à apreensão pelos sentidos de fenômenos, processos mentais de afeição, relacionados aos sentimentos e processos mentais de desejo. Em *Vidas Secas* é possível encontrar alguns exemplos de cada um desses subtipos ao se analisar os pensamentos de Baleia apresentados pelo narrador. Ainda que os trechos sejam de várias partes do romance, são numerosos os fragmentos extraídos do capítulo IX, intitulado “Baleia”, no qual é narrada a morte da cachorra, permeada por suas impressões acerca do que estava lhe acontecendo.

²⁷ De modo a padronizar a referência aos trechos de *Vidas Secas*, as orações em análise extraídas do romance trarão o verbo em foco na construção em negrito e serão localizadas por dupla numeração: romana para o capítulo (de I a XIII) e arábica para o parágrafo. Considerar-se-á parágrafo todo segmento identificado na mancha por meio do espaçamento padrão, seja texto do narrador, seja fala do personagem (até mesmo uma simples interjeição), seja ainda uma combinação dos dois; e oração como enunciado contendo o verbo e seus argumentos (ainda que um deles esteja elíptico). Optou-se por indicar o parágrafo, não a página, devido à grande variedade de edições da obra, o que poderia prejudicar uma futura busca às referências. Todos os fragmentos numerados são constantes de Ramos (2008).

4.1. Processos mentais de cognição

(1) A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil. Repousava junto à trempa, cochilando no calor, à espera de um osso. Provavelmente não o receberia, mas *acreditava*²⁸ nos ossos, e o torpor que a embalava era doce. *Admitia* a existência de um osso graúdo na panela, e ninguém lhe tirava esta certeza, nenhuma inquietação lhe perturbava os desejos moderados. [VI, p. 12]²⁹

(2) Baleia não ligou importância à explicação. *Achava* é que perdiam tempo num lugar esquisito, cheio de odores desconhecidos. [VIII, p. 32]

(3) [Baleia] *Estranhou* a ausência deles. [IX, p. 33]

(4) [Baleia] Não *sabia* o que tinha sucedido. [IX, p. 36]

4.2. Processos mentais de percepção

(5) [Baleia] *sentiu* cheiro de preás (...) [I, p. 20]

(6) (...) [Baleia] *percebeu* que não convenceria ninguém (...) [VII-I, p. 31]

(7) [Baleia] Franziu as ventas, procurando *distinguir* os meninos. [IX, p. 33]³⁰

4.3. Processos mentais de afeição

(8) [Baleia] *aprovou* com um movimento de cauda aquele fenômeno (...) [IV, p. 3]

(9) Baleia, séria, *desaprovava* tudo aquilo. [V, p. 32]

(10) Baleia *detestava* expansões violentas [VI, p. 24]

²⁸ É muito recorrente em *Vidas Secas* a ocorrência de sujeito elíptico, como estratégia de concisão formal. Os fragmentos listados em que ocorre omissão desse argumento se referem todos ao termo, que representa o sintagma nominal anteriormente mencionado no texto, em colchetes. Sujeitos elípticos em sequência se relacionam ao mesmo termo primeiramente mencionado.

²⁹ Alguns trechos foram retirados junto a outras partes do texto, para que se entendesse o contexto em que se inserem na narrativa, facilitando a compreensão do processo em foco. A oração em análise traz o verbo em negrito.

³⁰ Considera-se esse exemplo limítrofe aos processos comportamentais, que serão descritos a seguir, ainda que mais próximo dos processos mentais.

(11) (...) [a cachorrinha] *reprovava* os modos estranhos do amigo. Não *gostava* de ser apertada *preferia* saltar e espojar-se. Farejando a panela, *franzia* as ventas. [VI, p. 33]

(12) *Enfastiava*-a o barulho que Fabiano fazia. [VIII, p. 28]

(13) [Baleia] *Gostava* de espojar-se ali (...) (IX, p. 22)

4.4. Processos mentais de desejo

(14) Baleia *queria* dormir (...) [IX, p. 40]

(15) (...) [Baleia] *desejou* expressar a sua admiração à dona. [IV, p. 3]

(16) (...) [Baleia] *desejou* morder Fabiano. [IX, p. 14]

(17) [Baleia] *Quis* recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda. [IX, p. 21]

(18) [Baleia] *Quis* latir, expressar oposição a tudo aquilo (...) [VI-II, p. 32]

Halliday & Matthiessen (2004, p. 547-548) afirmam que a indeterminação é uma característica comum a todas as línguas naturais. Isso acontece porque são fluidas as fronteiras entre as categorias que configuram o sistema. Assim, não existe fórmula para determinar a classificação precisa dos processos, o que torna complexo traçar critérios exatos ou regras fixas. A análise dos fraseados pode variar, ainda que se procure buscar seu contexto de uso e a sua intencionalidade. Verbos como aprovar/desaprovar, por exemplo, podem ser considerados tanto processos de afeição quanto processos de cognição. Além disso, alguns processos mentais constantes dos fragmentos podem ser considerados limítrofes a processos comportamentais.

Os processos comportamentais descrevem comportamentos fisiológicos ou psicológicos o cujos participantes são o comportante, entidade que realiza a ação; e o comportamento, que define o alvo do processo. Segundo Gouveia (2009, p. 33), são processos que manifestam exteriormente aspectos da vida interior do falante, ou seja, reflexos físicos exteriores de processos mentais. Trata-se de um processo intermediário entre os processos materiais e mentais, pois não representam uma ação propriamente dita, mas seu significado pode levar a uma ou mais ações. A diferença entre os mentais e os comportamentais, portanto, seria o fato de que este adviria de um pensamento gerador de uma ação concreta, enquanto aquele permaneceria no mundo interior. Eis alguns trechos extraídos do romance que podem ser considerados ora como comportamentais, ora como mentais.

- (19) (...) achava difícil Baleia *endoidecer* [XI, 14]
- (20) A cachorra *espiou* o dono, desconfiada. [IX, 18]
- (21) [Baleia] *sofria* a carícia excessiva. [VI, 34]
- (22) Baleia *assustou-se*. [IX, 33]
- (23) Baleia, imóvel, paciente, *olhava* os carvões e *esperava* que a família se recolhesse. (IX, 28)

Assim como nos processos mentais o papel participante de Comportante deve ser exercido por um participante consciente, havendo a necessidade de personificação da mesma forma. Dessa maneira, não obstante os fragmentos acima possam apresentar processos comportamentais, eles corroboram com a hipótese de que a humanização de Baleia se relaciona a escolhas dos verbos que a tem como participante, na posição argumental de sujeito.

5. Considerações finais

O ponto central no estudo do sistema de transitividade é a questão da escolha. Ao realizar um significado de um item lexical, o falante opta por uma das opções potenciais no sistema. Ao se analisar um *corpus*, deve-se atentar para as escolhas léxico-gramaticais feitas no enunciado e compará-las com outras disponíveis, de modo a poder inferir a provável motivação do enunciador.

Em *Vidas Secas*, nota-se a opção pelo uso continuado do discurso indireto livre, favorecendo o mergulho no mundo interior e no universo mental fragmentado dos personagens, de forma que o pensamento deles emerge através da enunciação do narrador. Assim, pode-se dizer que a linguagem apresenta uma função *ideacional*, uma vez que é utilizada para incorporar as experiências dos fenômenos não só do mundo físico, mas também do mundo mental, o qual inclui as reações, cognições, percepções. É por meio dela que o narrador³¹ vai exprimir os julgamentos subjetivos dos personagens e o posicionamento deles em relação ao ambiente que os cerca. Dessa forma, ele atribui consciência à personagem Baleia e, conseqüentemente, sentimentos e opiniões semelhantes a de seres humanos. Tais escolhas se realizam no plano da frase, por meio do

³¹ Como se trata de uma obra literária, entende-se o narrador de *Vidas Secas* como o enunciador do discurso, sabendo que ele é o instrumento de que um autor se utiliza para produzir os sentidos, embora se saiba que as escolhas linguísticas feitas na obra são da alçada de uma entidade real – o autor da obra – que possui uma biografia marcada por condicionamentos sociais culturais e políticos.

sistema de transitividade, à medida que verbos que representam processos verbais trazem a cachorra Baleia como participante Experienciador (ou como Comportante, conforme visto), personificando-a. A partir disso, esse efeito de sentido se irradia para todo o texto literário gerando a exegese interpretativa de humanização da personagem. Como diz Cândido (1992, p. 106), “[...] a presença da cachorra Baleia institui um parâmetro novo e quebra a hierarquia mental (digamos assim), pois permite ao narrador inventar a interioridade do animal, próxima à da criança rústica, próxima por sua vez à do adulto esmagado e sem horizonte”.

Nesse artigo, a partir do fenômeno descrito, buscou-se criar subsídios para a interpretação dessa obra literária, sobretudo na sala de aula, por meio da análise das sentenças, sem deixar de considerar a inserção delas no contexto geral da obra. É fundamental que o professor de Literatura utilize os recursos linguísticos presentes na obra literária como ali-cerce para analisar com os alunos os efeitos de sentido produzidos. Para evidenciar a humanização de Baleia no texto de *Vidas Secas*, pode-se indicar como os verbos relacionados à personagem representam sentimentos, sensações, expressões de seu interior, o que torna o personagem tão complexo quanto um personagem humano.

Assim se propôs uma abordagem sistêmico funcional da estrutura linguística dessa “pequena obra-prima de sobriedade formal” (BOSI, 1994, p. 405) de Graciliano Ramos, enfatizando a relevância do componente semântico na descrição sintática das construções verbais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. *Graciliano Ramos: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1966.

_____. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*. Rio de Janeiro, vol. 16, n. 24, jan./jun., 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

HAWAD, H. F. Texto ou gramática? Pela superação de um falso dilema. Trabalho apresentado na mesa redonda *Gêneros Textuais e Ensino*, no X Fórum de Estudos Linguísticos da UERJ. Rio de Janeiro, 30/9 a 3/10/2009.

LIMA-LOPES, Rodrigo E.; VENTURA, Carolina. S. M. *A transitividade em português*. São Paulo: LAEL; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 100. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

RIBEIRO, Emílio S. A humanização da cachorra Baleia vs. a animalização de Fabiano: uma análise descritiva da tradução do livro *Vidas Secas* para o cinema. In: *Darandina revista eletrônica* – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF. Juiz de Fora, vol. 1, n. 2, out. 2008.